

Suplemento Cultural

CAMISAS

RAQUEL NAVEIRA

Passo camisas muito bem. Não dispense um pouco de goma nos punhos e no colarinho entretelado. Sinto prazer em ver o tecido alisar-se, fumegante de vapor. As azuis são minhas preferidas. Podem ser de algodão, seda ou linho fino. Simples ou luxuosas funcionam como uma segunda pele. Partilho da sua intimidade, do momento em que ele abotoará o peito e eu o ajudarei a firmar o nó da gravata. Afinal, são as camisas do meu marido.

É justamente esse o título do conto que abre o livro da escritora Nélide Piñon: *A Camisa do Marido*. A trágica história de Elisa organizando os pertences deixados por Pedro, o marido assassinado. Enquanto se posiciona, dobrando as mangas, ela rumina dentro de si a suspeita, o nome do algoz. Decidiu que a camisa do marido o substituiria no leito de um casamento de trinta anos. Os trapos sujos de sangue, destroçados pelo punhal, seriam um símbolo daquele que a deixara não por vontade própria, pois jurara permanecer com ela até a morte. Os filhos, Tiago, Lucas e Mateus, rondam a mãe viúva com seus pensamentos, carências e emoções. Com seus monólogos inaudíveis. Eles são altos, ela pequena, mas pronta para enfrentar bichos, homens e perigos. Traz a camisa ensanguentada para perto do corpo. Ela e o marido se excluam do mundo para se possuir, eram suficientes um para o outro. Esqueciam-se dos filhos. Egoísta e vingativa, Elisa contrata um matador profissional para dar cabo do assassino do marido, um criminoso ciumento que, segundo ela, julgou que Pedro tivera um caso com sua mulher. Uma infâmia, uma ofensa. Tremeu inteira, enquanto engolia a cápsula de veneno retirada do bolso da saia. Tiago, filho revoltado, diante da mãe morta, recolhe para si a camisa do pai e se tranca no quarto. Na casa. No coração. Numa luta sem tréguas com os irmãos. Que

“

Dizia antigo ditado que ‘O homem feliz não tem camisa’. Nada reivindica, sua felicidade não depende das circunstâncias e dos bens materiais. Ele é leve como o ar, sem nenhum peso, nenhum fardo, nenhum jugo, nenhum vínculo”

almas atormentadas. Nélide é cruel, poderosa narradora, mistura morbidez e lirismo em seus textos tenso. Sou sua ávida leitora.

Dizia antigo ditado que “O homem feliz não tem camisa”. Nada reivindica, sua felicidade não depende das circunstâncias e dos bens materiais. Ele é leve como o ar, sem nenhum peso, nenhum fardo, nenhum jugo, nenhum vínculo. A lenda oriental conta que um califa doente estava deitado sobre almofadas acetinadas. Os médicos e magos concordaram em que apenas uma coisa poderia conceder cura e salvação ao califa: recostar a cabeça na camisa de um homem feliz. Mensageiros buscaram em vão: as pessoas estavam cheias de tristezas e preocupações, reclamando e murmurando, ora contra o passado, contra o presente, ora descrentes do futuro. Os corações ingratos, queixosos, insatisfeitos. Finalmente, encontraram um pastor que cantava observando as ovelhas. Perguntaram-lhe se ele era feliz. Ele respondeu que sim. Pediram então que desse a sua camisa para levar ao califa. Ele ponderou



DIVULGAÇÃO

TAL COMO A ‘CAMISA 10’, IMORTALIZADA POR PELÉ, TAMBÉM A CAMISA (OU VESTIMENTA) DIÁRIA PODE DEMARCAR A PERSONALIDADE E ATÉ A MEMÓRIA DE QUEM A USA

que não tinha camisa. Contaram então essa história ao califa. Ele se conscientizou, arrependeu-se, distribuiu seus bens entre os pobres e ficou curado.

Quando pequena, andava pela rua do comércio, a rua 14, com meus avós, olhando as lojas e me chamava a atenção a Camisaria Kaleche, instalada num corredor iluminado. À frente, o libanês Gabriel nos convidava insistentemente: “- Entrem, amigos, vejam nossas camisas. São coloridas, listradas, estampas delicadas, bom corte, talhe perfeito, macias. Entrem, entrem. Quem não precisa de camisa, não é mesmo? Nem era verdade aquela lenda de que o homem feliz não usava camisa. Usava sim, camisão de cânhamo, de estopa, de camponês trabalhador, mas usava. A camisa é a elegância, a dignidade. Entrem, entrem”. E quando sentíamos o cheiro do café servido por sua irmã Leila, moça formosa, com sotaque francês, entrávamos, alegres fregueses debruçados sobre o balcão.

Passo camisas com esmero. O meu marido fica sempre bonito com esta azul clara.

Ruas de Campo Grande

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Sou fascinada pelo mistério que existe nas ruas. No silêncio da memória, recolho seus cheiros, seus ruídos, o jeito de receber ou rejeitar pessoas e acontecimentos. Porque as ruas têm sangue e alma, são extensões dos que ali viram transcorrer parte importante de suas vidas.

Desde criança, deixei nas paredes, no chão, nas árvores de Campo Grande muito do meu ser, das minhas alegrias e angústias, que sobrevivem nas dobras do inconsciente de onde emergem pela força das sensações. Considero a rua um dos melhores programas para quem gosta de observar, sonhar. Caminhar por ela representa para mim encontro com a verdade, como o prazer de sentir-me viva.

Quando menina, morei na Rua 14 de julho, onde todas as manhãs, ao ver passar os estudantes dos colégios Dom Bosco e Auxiliadora, de volta das aulas, sentia no ar a essência de uma mocidade, que acreditava sobreviver à passagem das horas. Lembro-me de um casal, que desfilava de mãos dadas, abraçado, desafiando os costumes da época, sorrindo com a confiança dos que querem mastigar o futuro.

Certo dia ele desceu sozinho, sem o ar de felicidade de outrora. A família tinha levado a namorada para estudar longe de Campo Grande, plantando a flor da solidão no coração do rapaz.

Professoras primárias, como Luísa Wildal Borges Daniel e Ayd Camargo Cesar, passavam carregadas de livros, comerciantes abriam sorridentes as portas das lojas e até cavaleiros elegantes, como Hugo Pereira do Vale, montavam imponentes cavalos de raça.

Depois do jantar, juntávamos as cadeiras na calçada em conversas,

que se prolongavam no silêncio de uma noite carregada de estrelas no céu de veludosa proteção.

À noite, a cidade tinha o encantamento de uma escuridão protetora, que permitia caminhar tranquilamente por suas ruas sem preocupação com ladrões e outros malfetores.

Nos anos cinquenta, muitas vezes, vi Campo Grande ficar de repente totalmente às escuras, depois de sair do Colégio Osvaldo Cruz, onde lecionava. Apesar disso, guaiava tranquila meu carro pela Avenida Calógeras, sem temer uma abordagem, que nunca aconteceu.

A cidade tinha aura protetora, que nos envolvia com a suavidade do perfume de jasmim que vinha do Jardim Público, como era chamada a Praça Ari Coelho, e que recebíamos como presente de um dia de trabalho.

Particpei de muitas cenas de multidão nas ruas de Campo Grande. Acompanhei o cortejo que levou à última morada Ari Coelho de Oliveira, o médico que realizou o parto do meu primeiro filho, pensando que aquelas mãos, que tanto se movimentaram para salvar vidas, agora repousavam inertes para sempre.

Olhar de um aruanos compreende, dá amor a quem se perdeu na bruma. Hoje vivo praticamente sozinha, no apto 1 da Rua Antônio Maria Coelho, 1.178, cujas paredes retêm lembranças de meu companheiro José Ferreira Rosa, de meu filho José Boaventura, que fazia vibrar nossos corações com as notas de sua guitarra, dos sonhos de José Carlos, que aos 17 anos foi viver na Europa, dos risos de Luiz Fernando e Eva Regina, que aqui viram transcorrer as alegrias da infância.

Como nos versos de Apollinaire “Lès jour s'em vont / Et jè demeure”. O tempo passa e eu fico só, umedecida de saudades.

DEMOCRACIA E NÃO DEMONIOCRACIA

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

O escritor gaúcho Érico Veríssimo, em sua autobiografia SOLO DE CLARINETA, volume nº 01, conta-nos que, diariamente, tem um diálogo com o espelho, enquanto se barbeia.

Numa dessas ocasiões, a respeito de alguns questionamentos pessoais, o espelho lhe respondeu: “A coisa não é tão simples assim”. E o escritor acrescenta em pensamento: “Eu sei, eu sei, mas vamos adiante, companheiro, é pelos sendeiros do erro e da dúvida que haveremos de chegar um dia ao reino da verdade”.

Pois com a democracia brasileira parece que tem sido assim. Democracia é uma palavra de origem grega que significa governo do povo e para o povo, soberania popular, sistema de governo que se caracteriza pela liberdade do ato eleitoral, pela divisão dos poderes e pelo controle da autoridade.

Na antiga Grécia, de onde se originava a palavra e o conceito, os Estados eram pequenas cidades e o povo se reunia em assembleias para governar. É verdade que também havia outras formas de governo: Oligarquia, Aristocracia, Plutocracia, Tirania, mas que não nos interessamos no momento.

Na democracia direta, através do referendun, o povo tem ingerência no governo, tanto na criação de uma lei nova, quanto na revogação da vigência de uma lei antiga. O instituto do Júri, o Plebiscito, são claros exemplos da democracia direta.

Já a chamada democracia indireta, talvez o modo mais universal do exercício democrático, o povo influi no governo, através de órgãos de representação popular, ou seja, por intermédio de seus representantes.

O governo democrático sempre foi uma tendência e um ideal ínsitos na mente, na alma e no coração da humanidade. As formas ditatoriais, mormente com o advento da cultura e

da civilização, constituem aberrações e modos espúrios de governar que somente têm lugar na supremacia de inomináveis cobiças ou no despreparo de um povo para usar da liberdade.

A história dos homens é farta em altos e baixos democráticos, como em crueldades e desmandos ditatoriais. Por isso, nessa experiência dolorosa e demorada, o mundo já deveria ter aprendido a lição democrática. O Brasil está incluído nesse contexto. Não é de hoje que se tenta melhorar a qualidade de nossas instituições governamentais e, diga-se por oportuno, que temos conseguido muitas e valiosas conquistas nesse assunto. Mas, como disse o escritor gaúcho ao espelho, é preciso continuar, mesmo pelos caminhos do erro e da dúvida até atingirmos a verdade.

A Europa de após guerra está passando, alguns países, por um surto de neonazismo e até de neocomunismo. É pena. As duras lições do passado não foram assimiladas satisfatória e eficazmente em certas camadas sociais.

O Brasil, graças a Deus, não arca com esse ônus. Em contrapartida, se as costumeiras violações da propriedade alheia, se a indústria do assalto e do sequestro, se a manipulação do dinheiro público, se o desinteresse popular manifestado no “deixa como está para ver como é que fica”, se, enfim, a orgia dos magnatas e a miséria dos assalariados se distanciarem cada vez mais, então é de se temer pelo nosso processo de aperfeiçoamento democrático.

Aí, poderá acontecer o que afirmava o grande tribuno, ex-deputado federal e ex-ministro da Justiça, Adroaldo Mesquita da Costa: “A democracia corrompida é demoniocracia!”.

Os romanos diziam com grande experiência: “Corruptio optimi, pessima” – a deterioração do ótimo é realmente péssima.

Candidatos e eleitores, preservemos e aprimoremos a nossa Democracia!

POESIAS

PELOS CAMINHOS
ESSENCIAIS DA POESIA

de novo
caminho contigo
Poesia
- antigo caminho
do novo...

caminho contigo em enlace... [lance e ela que se completam em mim]
no tom carmim
das paisagens inéditas...

contigo caminho, Poesia,
no silêncio do cântico
que me relega ao instante
do eterno passo
vasto de horizontes...
caminho contigo na partitura de partidas
e evocações... [sou passageiro e passagem
enquanto renasce em mim a tua rota solar:
tua rotação - teu lar]

contigo caminho, Poesia,
e na tua confiança
desarmo as tocaias e subterfúgios
do cotidiano...

de novo
contigo caminho
Poesia
- caminho e abrigo
e renovo...

RUBENIO MARCELO

SONETO DO ADEUS

Quando ela disse adeus, eu já sabia,
Pela tristeza dos seus olhos baços,
Que a ingratidão que na hora me fazia
Iria seguir a sombra dos meus passos.

Depois de errar pelos salões devassos,
Sem pão, sem lar, descrente e de alma fria,
Voltou, faminta e trêmula aos meus braços
... Quando ela disse adeus, eu já sabia

Não soube amar conforme fora amada.
Querida o mundo inteiro, e o mesmo mundo
Fê-la mais infeliz e desgraçada.

Eu lhe perdoei. Novela já completa:
Não há mulher sem coração profundo
Capaz de merecer o amor de um poeta.

ALTEVIR ALENCAR

BAÚ DO TEMPO

Coisa antiga tem cara de pó.
Amarelada,
velha,
carcomida,
de estrada sem volta,
sem partida
no tempo dormido...
E só.

ELIZABETH FONSECA

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

EMMANUEL MARINHO EMPOSSADO NA ASL, EM DOURADOS - Em Magna Sessão Solene, tomou posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, na noite de 27/10 p.p., no Teatro Municipal de Dourados, o novo acadêmico ator poeta Emmanuel Marinho. Presente a Diretoria da ASL, além de outros acadêmicos e convidados, o neomortal foi saudado na ocasião pelo acadêmico Henrique de Medeiros e assumiu a Cadeira nº 33 do Sodalício, que possui como patrono o saudoso escritor Ovídeo Correia e que teve Flora Thomé como antecessora.